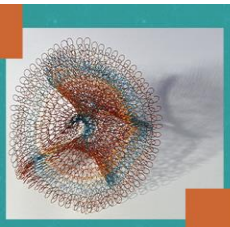
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 61
SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 61
AÇÃO E FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA O EDUCAR E O FAZER EM ARTE



A FOTOGRAFIA DE AUGUSTO MILITÃO DE AZEVEDO E AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO: O RIO TAMANDUATEÍ NA VÁRZEA DO CARMO

THE PHOTOGRAPHY OF AUGUSTO MILITÃO DE AZEVEDO AND THE ENVIRONMENTAL TRANSFORMATIONS IN THE CENTER OF THE CITY OF SÃO PAULO: THE TAMANDUATEÍ RIVER IN THE VÁRZEA DO CARMO

Luciano Silva
Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM, São Paulo/SP, Brasil

Resumo: O presente artigo se vale da fotografia de Augusto Militão de Azevedo (1837-1905), capturada nos anos de 1862, mostrando a Várzea do Carmo e os seus usos à época. Esta pesquisa explora as questões ambientais decorrentes das migrações, das reformas feitas pela Prefeitura de São Paulo no início do século passado na região da Várzea do Carmo, bem como dos avanços da industrialização às margens do Rio Tamanduateí e suas implicações. Pretende-se com este artigo problematizar as questões das perdas causadas por essas presenças e intervenções, enriquecendo o debate que envolve as questões ambientais relacionadas à (re)urbanização e industrialização daquelas localidades.

Palavras-chave: Fotografia. Meio ambiente. Industrialização. (Re)urbanização.

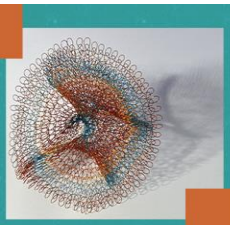
Abstract: This article uses a photograph by Augusto Militão de Azevedo (1837-1905), taken in 1862, showing the Várzea do Carmo and its uses at the time. This research explores the environmental issues arising from migration, the renovations carried out by São Paulo City Hall at the beginning of the last century in the Várzea do Carmo area, as well as the progress of industrialization on the banks of the Tamanduateí River and its implications. The aim of this article is to problematize the issues of loss caused by these presences and interventions, enriching the debate surrounding environmental issues related to the (re)urbanization and industrialization of these locations.

Keywords: Photography. Environment. Industrialization. (Re)urbanization.

Apresentação

Certamente os interessados, de modo privilegiado, podem acompanhar a evolução da cidadezinha de São Paulo até tornar-se uma metrópole, devido a atitude do carioca Militão Augusto de Azevedo que, dirigia um dos maiores laboratórios fotográficos da cidade, *Photografia Americana*, lucrando no segmento de retratos, onde

Luciano Silva - A FOTOGRAFIA DE AUGUSTO MILITÃO DE AZEVEDO E AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO: O RIO TAMANDUATEÍ NA VÁRZEA DO CARMO. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.61, nº61, p. 1- 20, e1537, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



produziu um acervo que contabiliza mais de doze mil imagens desde meados do século XIX até o primeiro quarto do século XX (BALDIN, 2007, p. 3). Dessa forma, não se dedicou a fotografar a cidade por motivos econômicos, mas sim porque tinha um projeto pessoal de registrar sua evolução.

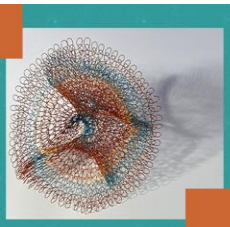
Na virada do século XIX para o século XX, São Paulo era uma das maiores cidades de imigração do mundo (HALL, 2004, p. 121). Inicialmente, os que se arriscavam naquela "São Paulo" vinham de fora e tinham pouco ou nada a perder. Eram imigrantes originários, especialmente, da Europa e da Ásia e também, naquele período em número menos expressivo, migrantes. Realidade esta que mudaria apenas a partir dos anos 1930, como destaca a pesquisadora Ana Valim:

> Nas décadas de 30, 40 e 50, os migrantes que chegam à São Paulo provém principalmente do Estado da Bahia. E, embora não pertença geograficamente ao Nordeste, o Estado de Minas Gerais situa-se ao lado da Bahia, em termos de êxodo, seguidos de Alagoas, Ceará, Sergipe e Paraíba. (VALIM, 1996, p. 13).

Pensando nos imigrantes, o fenômeno ocorre porque as guerras e a falta de trabalho levaram cerca de 50 milhões de pessoas a procurar o continente americano entre 1820 até 1914 (MOURA, PAIVA; 2008, p. 13). Entre os anos de 1872 a 1920, a população da cidade de São Paulo multiplicou-se cerca de vinte vezes, como menciona Guilherme de Souza, em seu trabalho sobre "A história da cidade de São Paulo contada por números":

> Em 1872, havia pouco mais de 30 mil habitantes, além de contabilizar um total de 3 mil edificações. Já em 1900, de acordo com o censo realizado pela Directoria Geral. Synopse de Recenseamento, a capital paulista contava com aproximadamente 240 mil pessoas e, de acordo com os estudos de Prestes Filho, por volta de 21 mil edificações. Em 1920, a cidade de São Paulo tinha mais de 500 mil habitantes. (2020, p.359).

Luciano Silva - A FOTOGRAFIA DE AUGUSTO MILITÃO DE AZEVEDO E AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO: O RIO TAMANDUATEÍ NA VÁRZEA DO CARMO. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.61, nº61, p. 1- 20, e1537, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Não há dúvidas de que, o que colaborou em muito para essa situação foi a política de mão-de-obra dos fazendeiros de café que criaram um mercado capitalista no campo, por meio de um amplo programa de imigração subsidiado pelos governos do Estado e da nação. Vale mencionar que isto ocorria em um contexto de fim de escravidão e com muita demanda de serviço.

Este era o "quadro pintado" que transformaria a São Paulo, ainda provinciana, em uma grande metrópole. Por isso, aqueles que deixavam suas terras de origem e se estabeleciam em São Paulo buscavam uma nova oportunidade para melhorar de vida, muitas vezes como única alternativa diante das condições de miséria e incerteza que enfrentavam em seus países. Coincidentemente aquela realidade presente acabou favorecendo o contexto da fotografia criada por Militão.

Militão e a sua arte fotográfica em São Paulo

Militão Augusto de Azevedo nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1837, e morreu na cidade de São Paulo em 1905. As suas atividades artísticas não se limitavam à fotografia, uma vez que também foi cantor lírico, ator da Cia Joaquim Heleodoro, da Cia do Gymnásio, denominada Sociedade Dramática Nacional. Vivia com a atriz Benedita Maria dos Santos Pedroso, falecida em 1872, com quem teve um filho, Luiz Gonzaga de Azevedo (WANDERLEY, 2023). E foi, justamente, em função desta última companhia que se estabeleceu em São Paulo. Muito provavelmente, pelo fato de ser ator, o seu modo de registrar as imagens era diferenciado, o que lhe concedeu um estilo próprio ao fotografar.

Numa sociedade em que os fotógrafos se especializavam em retrato, Militão não foi exceção à regra, pois também foi retratista, fotografando ilustres personalidades, como: Castro Alves, Rui Barbosa, Pedro II, a Imperatriz Teresa Cristina, dentre outras figuras da sociedade. Mas, sobretudo, era um apaixonado pelas transformações sociais

e arquitetônicas, e por esta razão fez opção acabou optando por fotografar a cidade, com a intenção de construir uma espécie de linha evolutiva do progresso urbano. Já perto do final da vida escreve a um amigo:

> "Como Verdi despedindo-se da música escreveu o seu Otello, eu quis despedir-me da fotografia fazendo o meu. Neste trabalho andam um bocadinho de amor-próprio de artista e gratidão ao lugar em que estou há 25 anos. (ABREU, s.d.).

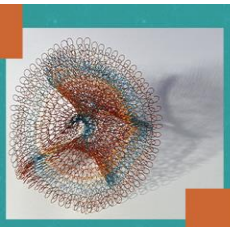
O jornal Província de São Paulo, na edição de 11 de agosto de 1887, publicou sobre o fotógrafo: "O álbum que temos entre as mãos não é somente um entretenimento: tem o mérito de proporcionar, a todos nós, homens de hoje, um estudo real da cidade de São Paulo" (WANDERLEY, 2015). O jornal se referia ao trabalho de Militão intitulado *Álbum comparativo da cidade de São Paulo 1862-1887*. Um álbum no qual o fotógrafo apresentava fotos comparativas de determinadas localidades da cidade, num espaço temporal de 25 anos.

Da imagem



Figura 1 – Militão Augusto de Azevedo, Várzea do Tamanduateí, c. 1862.
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de São Paulo

Luciano Silva - A FOTOGRAFIA DE AUGUSTO MILITÃO DE AZEVEDO E AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO: O RIO TAMANDUATEÍ NA VÁRZEA DO CARMO. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.61, nº61, p. 1- 20, e1537, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

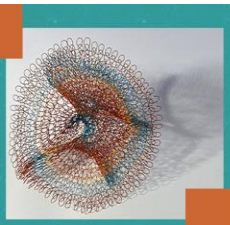


A imagem criada por Augusto Militão de Azevedo, objeto dessa pesquisa, retrata o Rio Tamanduateí em 1862, próximo a região da Rua Vinte e Cinco de Março. Nesta ocasião, a cidade de São Paulo tinha pouco mais que trinta mil habitantes (BESSANEZI, 2000). A sensibilidade do artista registra um ambiente com múltiplas funções. Suas diversas utilidades contribuíam, em alguma medida, para a economia local.

Muitos moradores da cidade pescavam às suas margens; outros se utilizavam de barcos para passeios e como meio de transporte; havia lavadeiras com suas trouxas de roupas e, certamente, seus cânticos; tropeiros paravam com os seus animais para saciar-lhes a sede e contemplar a própria beleza natural local que lhe chamava atenção.

O fotógrafo confeccionou alguns álbuns dentre os quais podemos destacar *Vistas da Estrada de Ferro de São Paulo*,1865; *São Paulo antigo,* 1860; *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo*,1862-1887[1], referido anteriormente como um trabalho cheio de amor-próprio e gratidão. O objetivo de Militão, uma vez que reunia grupos de suas imagens e transformava em álbuns, além de comercial, era de retratar alguns elementos presentes naquela “São Paulo”, ainda com ares provincianos. Mas, em nenhum desses álbuns se pôde encontrar a imagem cujo objeto contempla esta pesquisa. Antes, a obra está disponível na internet, em um artigo de março/abril de 2006, intitulado: *Verão em São Paulo: Enchentes*, no site da própria prefeitura do Estado, que detém os direitos sobre a mesma[2]. A região era considerada o limite da cidade (OLIVEIRA, 2005, p. 66).

1 Disponível em: http://docvirt.com/DocReader.Net/DocReader.aspx?bib=FOTOS&pesq=. Acesso em: 2 mai. 2024.
2 Várzea do Tamanduateí, foto de Militão Augusto de Azevedo, c.1862. Acervo PMSP/SMC/DPH/DIM. Disponível em: ←http://www.arquiamigos.org.br/info/info05/index.html. Acesso em: 3 mar. 2024.



Um dos nomes do local retratado era Várzea do Carmo, pois a região recebia várias denominações locais: Várzea do Carmo, do Glicério, do Tamanduateí, do Mercado, do Cambuci, entre outras. Aquele ambiente bucólico mostrado às margens da várzea, destacado em frente às construções no platô onde está o Mosteiro São Bento, era um atrativo para passeios e registros pictóricos e fotográficos. Sobre isso, vale lembrar que a região era, recorrentemente, retratada e pintada como cartão postal da cidade de São Paulo. Por exemplo, as pinturas do francês Arnaud Julien Pallière de 1821(ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira) e do brasileiro Benedito Calixto de 1892 (Google Arts & Culture) registraram momentos distintos do comportamento do Rio Tamanduateí. Pois, enquanto o pintor francês registra a Várzea do Carmo como um detalhe ao sopé do morro que sobe para o pátio do Colégio, Benedito Calixto registra um momento de inundação, tendo o rio como o centro da sua pintura.

Caio Prado Júnior diz que “as águas do Tamanduateí banhavam o sopé do outeiro onde se erguia a vila [de São Paulo de Piratininga], e eram perfeitamente navegáveis por pequenas embarcações” (PRADO JÚNIOR, 1996, p. 96). Com a intensificação do comércio e a construção do Mercado da Cantareira, muito da mercadoria chegava de barco pelo Tamanduateí, assim também como muitos prédios foram vendidos a preços muito acessíveis, por conta das inundações a grupos de imigrantes, especialmente árabes que chegaram a partir de 1870, que também passaram a valer-se do Rio Tamanduateí para suas atividades (SILVA, 2018, p.27).

O olhar artístico de Militão cria imagens da cidade de São Paulo destacando tanto os prédios, como também os transeuntes; tanto os veículos públicos, como as charretes; e também os parques, os rios e seus usos. E esse tipo de prática foi vista antes em Paris. Íris Araújo observou que Walter Benjamim fez o seguinte comentário:

> [...] em 1859, ocorreu um Salão de Fotografia parisiense. Nessa exposição pela primeira vez foram apresentadas ao público diversas paisagens de distintas partes do mundo: Egito, Jerusalém, Grécia, Espanha. (2006, p. 115).

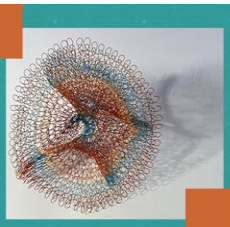
O que fica claro também é que Militão não fora o único a registrar imagens da cidade de São Paulo à época, pois outros tantos o fizeram como:

> Alfredo Krausz (18? – 19?), Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009), Edgard Egydio de Souza (1867 – 1956), Frédéric Manuel (18? – 19?), Guilherme Gaensly (1843 – 1928), Marc Ferrez (1843 – 1923), (*o próprio*) Militão Augusto de Azevedo (1837 – 1905), Otto Rudolf Quaas (c. 1862 – c. 1930), Valério Vieira (1862 – 1941), Vincenzo Pastore (1865 – 1918) e fotógrafos ainda não identificados. (WANDERLEY, 2023).

Mas, foi ele quem mais se dedicou a registrar a cidade de São Paulo em fotografias, a ponto de fazer o álbum, conforme citado e tê-lo como o principal projeto da sua vida.

(Re)urbanização

Com a (re)urbanização que ocorreu na região, na segunda metade do século XIX, foi construído o Parque Dom Pedro II e o leito do Rio Tamanduateí foi desviado, criando assim uma rua que mudou de nome algumas vezes. Inicialmente, chamava-se Rua da Várzea do Glicério, depois Rua das Sete e, posteriormente, Rua de Baixo. Este último nome instituído por um decreto da Câmara Municipal de São Paulo em 1859, que determinava a abertura de uma rua que conectasse a Ponte do Carmo ao Porto de São Bento pela margem esquerda do Rio Tamanduateí. E, finalmente, torna-se Rua 25 de Março em 1865, em homenagem a primeira Constituição Brasileira outorgada por D. Pedro I, em 25 de Março de 1824 (KORAICHO, 2004, p. 92-93).



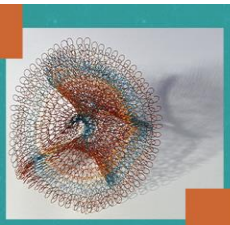
Em harmonia com o que dissemos anteriormente, o artigo de Rodrigo Medina Zagni discorre, com detalhes importantes, a região e elucida certas realidades que envolvem o rio, o seu entorno e os efeitos dos seus alagamentos. Diz Zagni:

> [...] sob vários aspectos o Rio Tamanduateí foi essencial para o desenvolvimento da vila que se tornou cidade. Para os índios estabelecidos nessa região, antes da chegada do colonizador europeu, o fenômeno das cheias regulares do rio, conformando regiões extensas de várzeas ao longo de seu curso, fazia com que um número grande de peixes encalhasse nas regiões que haviam sido inundadas quando as águas voltavam ao seu nível normal, morrendo e secando ao sol. A importância desse fenômeno natural para a sobrevivência das tribos, ao qual se seguia a atividade de coleta desses mesmos peixes, fez com que a designação dada pelos índios ao território fosse "Piratininga", que do tupi traduz-se como "peixe seco" e demonstra o quanto a sobrevivência dessas tribos estava ligada à ocorrência de suas várzeas. A própria designação Tamanduateí faz menção ao mesmo fenômeno, pois um grande número de tamanduás podia ser visto ao longo das margens abandonadas temporariamente pelas águas que retomavam seu nível normal, alimentando-se das formigas que se aglomeravam em torno dos peixes mortos. (2004, p. 2).

Zagni elucida alguns aspectos importantes, pois o seu artigo argumenta sobre o nome da região, do rio e comenta sobre seus usos e a importância das suas inundações, dos efeitos econômicos sobre os índios, os primeiros residentes na região e, posteriormente, sua navegabilidade.

Paulo de Assunção, por sua vez, num artigo sobre as ruas da cidade, no site dos "Arquivos da cidade de São Paulo", explica que:

> João Teodoro Xavier, que foi Presidente da província entre 1872 e 1875, realizou uma série de melhoramentos urbanos que prepararam a cidade para as grandes transformações que estavam por acontecer. Investindo grandes quantias em obras públicas, João Teodoro remodelou o Jardim Público, e o Palácio do Governo, regularizou o Largo dos Curros (atual Praça da República), abriu novas ruas ligando o centro da cidade a outras áreas, nas antigas chácaras que foram sendo incorporadas ao crescimento da cidade, reformou o Hospital de Alienados da Rua da Tabatingüera, construiu o edifício da antiga Escola Normal, melhorou a iluminação pública. Apesar de combatido pelos deputados pelos gastos que empreendia, o Presidente da província investiu no calçamento da cidade nas ruas centrais, utilizando os paralelepípedos, drenou e



> aterrou áreas inóspitas na Várzea do Carmo, fiscalizando pessoalmente as obras. (2006, p. 5).

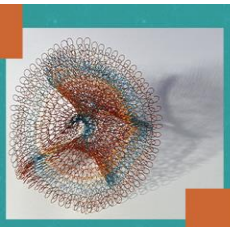
Ao atentarmos para a data da fotografia, em comparação ao período das obras de reurbanização feitas por João Teodoro, temos cerca de uma década de espaço de tempo, entre 1862 e 1872; uma vez que a fotografia do artista é de 1862, dez anos antes das transformações implementadas na cidade, como citado no excerto.

Do Rio Tamanduateí

Todo o complexo de conexões existentes na fotografia criada por Militão giram em torno de um único eixo: o Rio Tamanduateí. Trata-se do elemento central que compõe a imagem. Navarro mostra que o significado do nome Rio Tamanduateí é Rio dos Tamanduás Verdadeiros ou Rio dos Tamanduás Bandeira (2005, p. 42). Os antigos sertanistas o chamavam de Rio Piratininga. Sua extensão compreende trinta e cinco quilômetros. Nasce no município de Mauá, passa pelas cidades de Santo André e São Caetano, atravessa o centro de São Paulo, no Parque D. Pedro II, até desaguar no Rio Tietê, no bairro do Bom Retiro, em frente ao Palácio das Convenções do Anhembi.

Embora, no passado, o Tamanduateí fosse um rio bastante sinuoso, ainda assim foi de suma importância na construção da cidade de São Paulo. Através da sua navegabilidade até o Rio Tietê, facilitava a locomoção dos moradores e dos sitiantes que residiam nas vizinhanças. Silvio Lofego, citando Teodoro Sampaio, o importante engenheiro e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, comenta que: "Embarcados na sua canoa o padre, o negociante, o fazendeiro, o simples homem do povo podiam atingir qualquer ponto da zona povoada em torno de São Paulo pelo Rio Tamanduateí" (LOFEGO, 2001, p. 52).

Como demonstra bem a fotografia de Militão, objeto da nossa análise, até o início do século XX, as águas e as várzeas do Rio Tamanduateí eram utilizadas para os



afazeres domésticos dos moradores. Mas, ainda assim, especificamente sobre a Várzea do Carmo, certos residentes, como Velozo de Oliveira, entendiam que a região deveria ser modificada, já no século XIX, por conta de áreas pantanosas, que eram consideradas insalubres. O escritor, na época, faz o seguinte comentário, registrado no livro escrito em homenagem ao IV Centenário da cidade de São Paulo:

> ”É preciso que a sã política - escrevia em 1822 Velozo de Oliveira em sua *Memória* - faça pouco a pouco desaparecer esta origem de incómodos, moléstias e mortalidade: por exemplo, a Várzea do Carmo, inferior à cidade, cobrindo-se das águas do Tamanduateí, que podiam, segundo penso, correr livremente para o Tietê, sendo dessecada por meio de diferentes valas, não atacaria para o futuro a cidade com nevoeiros importunos, umidades, defluxos e reumatismos” [...] De fato, em 1822, segundo um registro da própria Câmara, a Várzea do Carmo estava reduzida a um pântano, ”devido a ter-se consentido que alguns particulares, atendendo apenas aos seus interesses ou aos seus caprichos, desviassem do seu leito natural as águas do Tamanduateí, arruinando o caminho e tornando doentio o clima desta cidade por sua natureza sadia. (BRUNO, 1954, p. 1007).

Podemos perceber que a Várzea do Carmo perde suas características por conta da urbanização, desvios indevidos das águas do Tamanduateí, bem como da industrialização, cujos dejetos são despejados em suas águas, sem nenhum tipo de tratamento, especialmente a partir dos anos 1950.

Nas imediações existia um porto conhecido como Beco das Barbas, que mais tarde teve o nome alterado para Ladeira Porto Geral. O porto resistiu até o início do século XX, quando o prefeito Antonio Prado mudou o curso do rio e o reduziu a um estreito canal:

> Foi também o começo do século vinte a época em que se fizeram melhoramentos no largo de Santa Cecília, sendo retirado dali o antigo *Chafariz da Misericórdia*, e em que se começou a reformar a *Várzea do Carmo*. Com o leito do rio regularizado e as margens gramadas e arborizadas, o local mostrava já aspecto muito diverso do de outros tempos. A encosta do convento, toda gramada e cortada de ruas sinuosas - dizia-se no álbum de Martin - dava feição aprazível à subida para a praça bem cuidada que ficava no alto “O diabo é que — como escrevia Silva Teles em 1907 - o parque, podendo ser uma coisa

> soberba, estivesse aos poucos sendo invadido por habitações mesquinhas que enfeiavam o ambiente". O ajardinamento da Várzea do Carmo e do Anhangabaú representa, logo em seguida - em 1910-1911 - a preocupação central focalizada no plano de Vítor da Silva Freire encaminhado pelo prefeito Antônio Prado ao governo de São Paulo. (BRUNO, 1954, 1007).

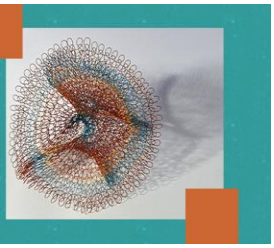
A reurbanização da Várzea do Carmo, evidentemente, que não era fator determinante para a saúde das suas águas. Assim, o desastre ambiental começa na década de 1950 com a construção de um Pólo Petroquímico em Capuava (Mauá), que resultou em danos irremediáveis ao rio: a construção de uma barragem e a poluição de suas águas com dejetos químicos.

Abrahão de Oliveira, em seu artigo publicado pelo site "São Paulo em Foco" nos informa que:

> O Tamanduateí possuía quarenta e três afluentes que deram origem a bairros, vilas e cidades, como o Ipiranga, a Mooca e outros. Atualmente a maioria desses córregos encontra-se total ou parcialmente canalizada e transformada em canais coletores de esgoto; o próprio rio tornou-se o maior canal de esgoto a céu aberto do ABC paulista. (OLIVEIRA, 2014).

As implicações do descaso para com o Rio

A partir de 1867, com a construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí, cujo eixo condutor era às margens do Rio Tamanduateí, e tinha por finalidade despachar a produção de café do interior para o litoral, mais o projeto, de Carlos Abrão Bresser, de retificação do Tamanduateí, implantado sete anos depois (1894), juntamente com a estrada de ferro (BRESSER, 2003, p. 5), atraiu muitas indústrias para a Região do ABC, e as áreas aterradas do Tamanduateí, que poderiam ter sido dedicadas ao uso público, foram conferidas aos industriais e a exploração dos capitalistas cafeeiros, que, por muitas décadas, se aproveitaram da água e do trem para desenvolver seus negócios particulares.



Outro efeito foi a própria migração de muitos trabalhadores para o entorno da linha férrea, a certa distância da cidade, onde “poderiam adquirir terrenos ou alugar casas a preços mais razoáveis enquanto se beneficiavam de um meio de transporte rápido e mais acessível” (LAURENTINO, 2002, p. 41), e poucas áreas verdes sobreviveram às margens do Tamanduateí.

O descaso com o meio ambiente tem um alto custo. O geógrafo Aziz Ab'Sáber comenta que:

> Os problemas ambientais criados pela desmesurada supressão de florestas para a produção de espaços agrários; as dimensões atingidas pela poluição hídrica por dejetos urbanos e industriais; a poluição do ar provocada pela liberação cumulativa de gases particulares e por uma frota gigantesca de veículos automotores; baixos níveis de áreas verdes, matas, bosques ribeirinhos e periurbanos tornaram-se motivos de catástrofes ecológicas, acentuação da mortalidade infantil, incidência de doenças pulmonares em crianças e idosos e envelhecimento precoce de trabalhadores braçais, com forte diminuição no tempo médio de vida das populações carentes. (1996, p. 83).

Ab’Sáber nos informa que parte das catástrofes ecológicas estão associadas inequivocamente à poluição hídrica por desejos urbanos e industriais, que, como parte de um conjunto de ações danosas, desencadeia uma série de consequências nefastas para o cidadão, especialmente, os mais pobres: mortalidade, doenças, envelhecimento precoce etc.

Outro autor, Eneas Salati, destaca que entre as atividades humanas, existem algumas que mais alteram o equilíbrio ambiental e cuja ação modificadora, em qualidade e em intensidade, está intimamente relacionada com os níveis das técnicas utilizadas. Entre essas atividades destacam-se: a produção de alimentos – que em muitos casos, diminui a biodiversidade, aumenta a erosão, há a introdução de substâncias tóxicas que podem contaminar o solo; na produção de energia existe um aumento de CO2, com a utilização de combustíveis fósseis; no desenvolvimento de

Luciano Silva - A FOTOGRAFIA DE AUGUSTO MILITÃO DE AZEVEDO E AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO: O RIO TAMANDUATEÍ NA VÁRZEA DO CARMO. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.61, nº61, p. 1- 20, e1537, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

energia nuclear existem as implicações de riscos de vazamentos, possibilitando a contaminação da água, das plantas, dos animais e dos homens; ainda, os transportes, com a facilitação de deslocamento de populações, acontecem processos importantes de modificação ambiental, tanto com a dispersão de gases poluentes quanto com os novos assentamentos em áreas de risco, aterramentos, fruto da especulação imobiliária (SALATI, 1996, p. 89-93).

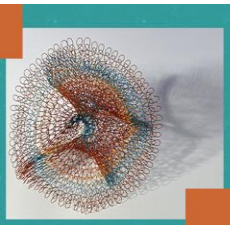
Com esse tipo de urbanização, ou concentração desorganizada de pessoas, determinadas cidades tornam-se locais impróprios para o bem estar humano. As cidades de São Paulo e a Cidade do México são exemplos críticos por conta da falta de infraestrutura (saneamento básico, alimentação, transportes, lazer, etc.) para atender as demandas das populações. E as demandas industriais alteram sensivelmente o meio ambiente.

Considerações finais

Diante da análise da imagem fotográfica Várzea do Tamanduateí (1862) e da pesquisa desenvolvida, entendemos que o menor dos problemas que tinham os nossos antepassados moradores do centro da cidade de São Paulo, ainda no século XIX, era uma área alagada, com brumas durante certo período do ano e possíveis esgotos caseiros despejados na Várzea do Carmo.

A cena bucólica capturada pelas lentes de Militão nos permite criar uma metáfora bíblica, a qual nos remete a uma espécie de “Jardim do Éden”, onde não se poderia mais voltar, pois a espada flamejando do anjo protetor dos capitalistas usuráveis criou uma cerca no entorno daquela realidade e a desfez. Por outro lado, passados tantos anos e percebidos os desastres ecológicos que a industrialização e modernidade trouxeram. Cabe à sociedade pensar possíveis caminhos para o restauro e/ou a reconstrução de novos “Édens”.

Luciano Silva - A FOTOGRAFIA DE AUGUSTO MILITÃO DE AZEVEDO E AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO: O RIO TAMANDUATEÍ NA VÁRZEA DO CARMO. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.61, nº61, p. 1- 20, e1537, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



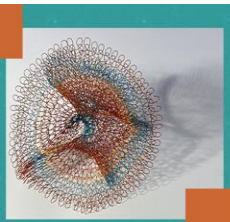
Tomamos por empréstimo aqui algumas das ideias do sociólogo e filósofo Mario Daminelli que nos ajuda a pensar os problemas ambientais que a natureza vem sofrendo durante muito temp. Diz o sociólogo que:

> O aumento ainda não controlado de indivíduos sobre o planeta exige dos sistemas econômicos esforços progressivos, no sentido de prover as necessidades e aspirações das populações. Mas, o que se vê nessa dinâmica é uma economia de escala em que é preciso inventar necessidades, criar a compra fazer produtos descartáveis e não duráveis, criar desperdício. E diante de uma sociedade de consumo que se implantou no ocidente com a industrialização [...] há entre nós um culto das necessidades crescentes, que se renova a cada novo produto consumido. (1996, p. 101-103).

Entendemos que os argumentos do autor são muito pertinentes quando menciona que a não existência de um controle populacional sobre o mundo, as exigências econômicas diante do consumo de oito bilhões de pessoas, para atender as demandas das populações, dentro de uma sociedade de consumo, que gera desmedidamente a criação de necessidades; vendem-se produtos, sobre os quais logo se perde o interesse e novos produtos são criados e logo descartados; e tanto na produção, quanto no descarte, exige-se da terra, do ar e do mar mais espaço, mais fôlego, mais vida. E, através das engrenagens desse enorme mecanismo, sendo a sociedade educada para se tornar consumista e cultuar tais valores, vai sufocando todo um ecossistema. Assim, o prejuízo maior recai sobre os ombros dos ecossistemas aquáticos e terrestres. Pois, nasce de várias ações e atividades como:

> [...] fatores socioeconômicos concretos, ligados a [...] crescimento demográfico ainda em ascensão, as diferenças de consumo entre países ricos e pobres, e consequentemente a fome, as tecnologias de produção que causam desperdício e poluição, as formas de energia utilizadas que causam devastação (energia atômica, hidroelétrica), a tecnologia de armamento e da guerra, destruição de florestas e desertificação, as dificuldades de vida nas grandes cidades, o desaparecimento de animais e vegetais e a diminuição das belezas naturais. (DAMINELLI, 1996, p. 108).

Luciano Silva - A FOTOGRAFIA DE AUGUSTO MILITÃO DE AZEVEDO E AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO: O RIO TAMANDUATEÍ NA VÁRZEA DO CARMO. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, v.61, nº61, p. 1- 20, e1537, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

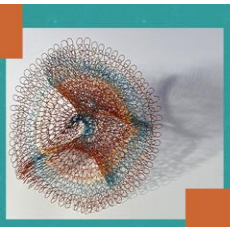


Mas, Daminelli traz uma palavra de alento quando diz que uma nova visão de mundo tem se apresentado como possível caminho para melhorar nossa situação atual. Esses novos valores passam pela conscientização populacional em relação ao desperdício, mas também envolve outros fatores.

Alguns grupos têm trabalhado mais conscientemente para ajudar o planeta e trazer uma nova consciência ecológica. Essa nova visão de mundo tem pensado em áreas como a economia, através do desenvolvimento sustentável, que combina preservação do meio ambiente através de novas técnicas e tecnologias; visão ambientalista, onde o conhecimento proposto leva para o conhecimento de realidades não-físicas e do homem como um todo; uma nova forma de atuação política, a necessidade de encontrar um conjunto de relações internacionais que, a acima de ideologias e questões de poder, combata a pobreza e evite a guerra; uma nova ética e estética, pensando a natureza como extensão da nossa própria vida a ser desfrutada de modo holístico, sendo admirada, sentida e amada.

Observando a fotografia criada em 1862 por Militão e relacionando-a com o mundo como uma grande fotografia de realidades catastróficas, entendemos que, se por um lado a tecnologia da época nos permitiu visualizar a realidade passada, a tecnologia de hoje nos permite muito mais, mas foi muito oneroso chegarmos até aqui tanto do ponto de vista tecnológico, como quanto do alto custo para o meio ambiente.

Os debates que vêm sendo desenvolvidos em torno dessa temática são bem-vindos para o momento atual em que vivemos. Pois, somos testemunhas do descaso para com a natureza que, por exemplo, fez deflagrar uma tragédia inimaginável em nosso país, no Rio Grande do Sul enquanto esta pesquisa estava sendo escrita. Portanto, são de extrema urgência os debates para que desenvolvamos atitudes mais justas e saudáveis, pensando no Meio Ambiente.



A imagem que foi concebida por Militão é apenas um exemplo das mudanças que têm acontecido com o mundo. O que era antes um jardim, vem se tornando um campo de horrores e em muitos casos, isso se dá a partir de atitudes egoístas e concentração de renda e poder, que através de meios específicos de produção atacam cada vez mais nosso ecossistema. O que é constatável é que o progresso, tão necessário para nossas demandas atuais, poderia custar muito menos, mas como a ganância humana é desmedida, o supérfluo é sempre requisitado e rende aos bolsos dos poderosos muito mais; logo, o custo para o planeta tem um preço elevadíssimo.

E, em muitos casos os danos causados, se não são irreversíveis, dependem de manobras bastante dispendiosas para que, minimamente, o homem consiga permanecer vivo em seu próprio habitat, o que não deixa de ser uma grande ironia.

Referências:

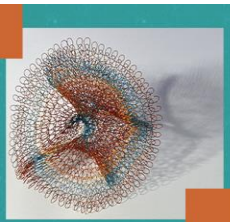
AB'SABER, Aziz. O complexo controle ambiental em São Paulo. In SALUN, Carlos. *Ecologia:* a qualidade da vida. 2ª ed. São Paulo: Editora SESC, 1996, p. 81-86.

ABREU, Janaina. Brasil: Almanaque de cultura popular. Disponível em: https://www.almanaquebrasil.com.br/files/personalidades-arte/8169-paulistano-sabe-como-era-sua-cidade-gracas-a-um-carioca/. Acesso em: 20 mai 2024.

Álbuns de fotografias originais, 1862-1919 \ Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo (1862-87-1914), Casa Duprat, v.1. Disponível em: https://docvirt.com/DocReader.Net/DocReader.aspx?bib=FOTOS&pesq=&pagfis=1. Acesso em: 25 mai 20024

ARAUJO, Íris Morais. Versões do "progresso": a modernização como tema e problema do fotógrafo militão Augusto de Azevedo (1862-1902). *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 249. 2006.

ARNAUD Julien Pallière. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível



em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22523/arnaud-julien-palliere. Acesso em: 04 de Agosto de 2024. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

ASSUNÇÃO, Paulo. *A cidade de São Paulo no século XIX:* ruas e pontes em transformação. Arquivo do Estado de São Paulo. Artigo publicado em 10 de maio de 2006. Disponível em http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao10/materia03/. Acesso em 18 mai. 20024.

BALDIN, Adriane Acosta. *A cidade de São Paulo contada através das imagens Militão Augusto de Azevedo no século XIX e German Lorca no século XX*. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007. Disponível em https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210413_5528c3ecae57119d094d6341cf519681.pdf. Acesso em 22 Mai. 2024.

BASSANEZI, Maria Silvia (org.). *São Paulo do passado*: dados demográficos. Capital (1836, 1854, 1872, 1886, 1890, 1920). Núcleo de Estudos de População - NEPO. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2000. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos/capital.pdf. Acesso em 25 Mai. 2024.

BRESSER, Diva. *A família Bresser na história de São Paulo.* São Paulo: Editora Saraiva, 2003.

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. III, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 1954.

CAMARGO, Luis Soares. São Paulo entre as águas frias, fundas, rasas... das pacas, dos tamanduás e até “do diabo”. *Informativo Arquivo Histórico Municipal, março/abril 2006. Ano 1*. Nº 5. Disponível em: http://www.arquiamigos.org.br/info/info05/index.html. Acesso em: 20 Mai. 2024.

DAMINELLI, Mário. Qualidade de vida e meio ambiente. *In*: SALUN, Carlos. *Ecologia*: a qualidade da vida. 2ª ed. São Paulo: SESC, 1996, p. 97-110.

Enciclopédia Itaú Cultural. Artes Visuais. Editores da Enciclopédia Itaú Cultural (atualizado em 04/10/2021). Arnaud Julièn Palliert. Panorama da Cidade de São Paulo, 1821. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22523/arnaud-julien-palliere. Acesso em: 26 Mai. 2024.

GOUVEIA, Isabel Cristina Moroz-Caccia. *Da originalidade do sítio urbano de São Paulo às formas antrópicas: aplicação da abordagem da Geomorfologia Antropogênica na Bacia Hidrográfica do Rio Tamanduateí, na região metropolitana de São Paulo*. Tese (Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Literatura e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-31012011-123012/publico/2010_IsabelCristinaMorozCacciaGouveia.pdf. Acesso em: 01 Jun. 2024.

HALL, Michael. In *História da cidade de São Paulo* – a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KORAICHO, Rose. *25 de Março:* memória da rua dos árabes. São Paulo: Koema, 2004.

LAURENTINO, Fernando de Pádua. *Várzeas do Tamanduateí: industrialização e desindustrialização*. 2002. Dissertação (Departamento de Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-09052022-154909/. Acesso em: 04 ago. 2024.

LOFEGO, Silvio Luiz. *Memórias de uma metrópole:* São Paulo na obra de Ernani Silva Bruno. São Paulo: AnaBlume, 2001.

MOURA, Soraya; PAIVA, Odair da Cruz. *Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.* São Paulo: Paz e Terra, 2008.

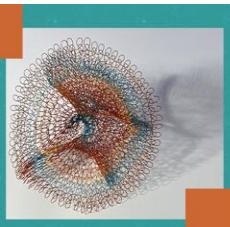
NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo: a* língua do Brasil dos primeiros séculos. 3ª ed. São Paulo. Global. 2005, p. 42.

OLIVEIRA. Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém:* relações sociais e experiência da urbanização, São Paulo 1850-1900. São Paulo: Alameda, 2005.

PONTES, Jose Alfredo Vidigal. *São Paulo:* de pousos de tropas a metrópole. São Paulo: Terceiro Nome, 2003.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo.* São Paulo: Brasiliense, 1996.

SALATI, Eneas. Meio ambiente e tecnologia. *In*: SALUN, Carlos. *Ecologia:* a qualidade da vida. 2ª ed. São Paulo: SESC, 1996, p. 87-96.



OLIVEIRA, Abrahão de. O rio de muitas voltas: um breve histórico do Tamanduateí. *São Paulo in foco,* 2014. Disponível em: [https://www.saopauloinfoco.com.br/rio-tamanduatei/]. Acesso 02 ago. 2024.

SILVA, Luciano Alves. As imigrações dos sírios e libaneses em São Paulo, no final do século XIX e início do século XX. IPIS Libanis*: Revista eletrônica acadêmica da ICBL,* São Paulo, Vol.3, p. 19-34, set-nov, 2018. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=YmmQ6GgAAAAJ&citation_for_view=YmmQ6GgAAAAJ:u5HHmVD_uO8C. Acesso em 18 Mai. 2024.

Google Arts & Culture. Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/inunda%C3%A7%C3%A3o-da-v%C3%A1rzea-do-carmo-1892/MQF5hvfg3mFEjg?hl=pt-BR&ms=%7B%22x%22%3A0.5%2C%22y%22%3A0.5%2C%22z%22%3A9.57577862246869%2C%22size%22%3A%7B%22width%22%3A0.9781567382812503%2C%22height%22%3A1.4002909739548675%7D%7D. Aceso em: 22 Mai. 2024.

SOUZA, Guilherme Ribeiro de. A história da cidade de São Paulo contada por números: um estudo acerca do crescimento populacional da capital paulistana desde a sua fundação até o início do século XXI. XI *Congresso de História Econômica*: Economia de guerra: geopolítica em tempos de pandemia e crise sistêmica. – 23 a 27/11/2020 – São Paulo/SP. Disponível em: https://congressohistoriaeconomica.fflch.usp.br/sites/congressohistoriaeconomica.fflch.usp.br/files/publicacoes/XI-congresso-2020-anais-eletronicos-Guilherme-Ribeiro-de-Souza.pdf. Acesso em: 02 Jun. 2024.

VALIM, Ana*. Migrações:* da perda da terra à exclusão social. São Paulo: Atual, 1996.

WANDERLEY, Andrea C. T. *Série* “avenidas e ruas do Brasil” XVI – “Alguma coisa acontece no meu coração”, a Avenida São João nos 469 anos de São Paulo. Texto publicado em 25 de janeiro de 2023. Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=militao-augusto-de-azevedo#:~:text=Milit%C3%A3o%20produziu%20o%20%C3%81lbum%20comparativo,capital%20paulista%2C%20devido%20ao%20progresso. Acesso em: 02 Jun. 2024.

WANDERLEY, Andrea C. T. Militão Augusto de Azevedo (1837-1905) e sua obra-prima, o “Álbum comparativo da cidade de São Paulo 1862-1887”. Texto publicado em 24 de maio de 2015. Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=705. Acesso em: 27 Mai. 2024.

ZAGNI, Rodrigo Medina. *Uma análise comparativa de São Paulo:* Várzea do Carmo, 1862. FFLCH Diversitas, 2004. Disponível em https://diversitas.fflch.usp.br/node/99. Acesso em: 24 Mai. 2024.

Luciano Silva
Doutorando em Educação, Artes e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), Mestre (2018) e Bacharel (2014) em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (2006) e também pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (RS) (2009). É pesquisador e professor nas áreas de História Geral, História da Igreja, Teologia, Cultura Popular Brasileira e Artes, sendo também poeta, produtor cultural, autor e diretor teatral. Estudou dramatização no Teatro Escola Macunaíma (2011), em São Paulo. Atua como ministro religioso e atualmente é, também, professor de História da igreja e da teologia, Estudos de Humanidades, Estudos da Realidade Brasileira, Liderança e projetos na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e no Seminário Teológico de Guarulhos.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0035-5082
E-mail: luciano.ibec@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 04 de junho de 2024
Aceito em 05 de agosto de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/